



EM NOVO estilo: A Pucamp dispensa seu reitor antiquado. Veja, São Paulo, 18 jun. 1980.

Em novo estilo

A Pucamp dispensa seu reitor antiquado

O promotor público e professor de Direito Constitucional, Benedito José Barreto Fonseca, que reinou durante doze anos como reitor de mão forte na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Pucamp), perdeu uma boa oportunidade de sair da instituição por sua própria iniciativa enquanto ainda podia fazer isso. Quase todos na Pucamp queriam sua demissão. Mas Fonseca resistiu até o último momento, argumentando que apanhara a Pucamp como uma pequena universidade de 2 000 alunos e a transformara na maior instituição de ensino privado do país, com 23 000 estudantes. Pediu também a intercessão do Vaticano, telefonando ao núncio apostólico em Brasília, dom Carmine Rocco, e de uma carta a dom Agnello Rossi, cardeal brasileiro que ocupa em Roma o cargo de prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos.

Tudo em vão. A resposta de Rossi não veio e a de Rocco limitou-se a uma evasiva: "Faça o que lhe indicar sua consciência". Dobrando-se à pressão de praticamente toda a comunidade universitária, incluindo o grão-chanceler da Pucamp, arcebispo Gilberto Pereira Lopes, o reitor Fonseca afastou-se alegando razões de saúde. "Ele governou como quis, demitiu professores, puniu estudantes e esbanjou dinheiro numa fase de vacas gordas", comentava um de seus adversários, o diretor do DCE Paulo Magalhães da Costa Coelho. "Quando já chegava ao fim de seu terceiro mandato", acusa o estudante, "manobrava para continuar indiretamente no poder por meio de pessoas de sua confiança." Na verdade, o arcebispo Gilberto Pereira Lopes quis evitar que a Pucamp permanecesse sob as asas do grupo de Fonseca. "A Universidade estava em convulsão", afirma o advogado Darcy Paz de Pádua, vice-presidente da entidade mantenedora da Pucamp e braço direito do arcebispo para questões universitárias. "Havia poder demais nas

mãos do reitor, faltava diálogo e até confiabilidade."

A confiança no reitor declinou bastante em fevereiro passado quando se descobriu que ele estava cursando o terceiro ano de jornalismo como aluno, com excelentes notas mas sem frequentar as aulas e sem fazer provas. Ganhou logo o apelido de "Superaluno" e teve de trancar sua matrícula. Na verdade, Fonseca é um caso de falta de adaptação à abertura política que nos últimos anos também chegou às instituições de ensino superior. "Ele não soube abrandar seu estilo autoritá-



CORREIO POPULAR

Fonseca: fim de um longo reinado

rio", lembra a professora de Filosofia Lídia Maria Rodrigo, da Associação dos Professores da Pucamp. "Até recentemente, o pessoal da segurança de Fonseca ainda andava de lápis na mão anotando acintosamente os nomes dos professores que criticavam a administração do reitor."

O estilo de Fonseca também se chocou com a nova orientação que o arcebispo de Campinas queria impor à Pucamp. "Uma universidade católica deve ser uma comunidade democrática", diz Pádua. "Deve também preocupar-se com a formação de consciências e não apenas com a preparação de profissionais, como vinha acontecendo." A expansão promovida por Fonseca, segundo seus críticos, prejudicou um curso antigamente considerado bom, como Economia, por amontoar 4 000

alunos numa faculdade que atualmente tem turmas de até 120 estudantes. Do curso de Comunicação e Pedagogia foram demitidos professores com mestrado e doutorado, com posterior contratação de recém-formados. Por outro lado, não se tem notícia de muitos trabalhos científicos ou de estudos de alguma importância desenvolvidos na Pucamp. É esse tipo de orientação universitária que o arcebispo Gilberto Pereira Lopes quer mudar. ●